

A servidão involuntária: Trabalho, educação e enraizamento em Simone Weil (II)¹

[INVOLUNTARY SERVITUDE: Work, education and rooting for Simone Weil]

Luciano Costa Santos²

DOI: 10.20399/P1982-999X.2015v1n2pp47-60

RESUMO: Neste artigo apresentamos uma introdução ao pensamento social da filósofa judia francesa Simone Weil, tendo como eixo a articulação de trabalho e educação à luz da categoria de enraizamento. Peregrinando de corpo e alma junto a operários, mineiros e camponeses, Simone Weil oferece ao mundo contemporâneo uma das mais consistentes contribuições reflexivas em favor da superação da opressão social imposta aos trabalhadores da produção, cuja “carne de trabalho” é por ela assumida como *locus* hermenêutico de uma radical reposição da questão sobre o sentido do humano. Na contramão da histórica divisão social do trabalho que promove a degradação do labor manual, Simone mostra que uma civilização não atinge o estatuto humano se aqueles que contribuem com as suas mãos para edificá-la não levam, de direito e de fato, uma vida humana. Na perspectiva dessa transgressão civilizatória, tratava-se de assegurar aos trabalhadores da produção os “alimentos” para a satisfação de suas necessidades humanas básicas, mas também sua plena inserção na vida do espírito, seja pela apropriação da cultura “clássica” e universal que lhes é sonogada, seja pela afirmação da cultura – única e inestimável – enraizada em sua experiência vital. Em suma, a perspicácia subversiva do pensamento de Simone Weil está em mostrar que a opressão social não somente usurpa a dignidade de operários e camponeses, como empobrece a própria civilização, ao privá-la de uma espiritualidade que só pode nascer do corpo e da alma dos trabalhadores.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; educação; enraizamento; espiritualidade.

ABSTRACT: This article presents an introduction to the social thought of the French Jewish philosopher Simone Weil, with the axis of the joint work and education in the light of rooting category. Wandering heart and soul with the workers, miners and peasants, Simone Weil offers the contemporary world one of the most consistent reflective contributions in favor of overcoming social oppression imposed on production workers, whose "Meat work" is for her assumed to hermeneutic *locus* of a radical replacement of the question of the meaning of human. Against the historical social division of labor that promotes the degradation of manual labor, Simone shows that a civilization does not reach human status to those who contribute with their hands in building it does not lead, in law and in fact, a human life. In light of that civilization transgression, it was to ensure that workers from production the "feed" to the satisfaction of their basic human needs, but also their integration in the life of the spirit, is the appropriation of culture "classic" and universal to them is withheld, is the culture of affirmation - unique and invaluable - rooted in your life experience. In short, subversive wit the thought of Simone Weil is to show that social oppression not only usurps the dignity of workers and peasants, as impoverished civilization itself, to deprive it of a spirituality that can only be born of body and soul workers.

KEYWORDS: Work; education; rooting; spirituality.

1. Os clássicos na fábrica

Como vimos na primeira parte deste artigo publicada no número anterior da Revista, Simone weil concebe a educação operária levando em consideração o protagonismo dos operários na condução do processo educativo. Não pode haver educação operária que não esteja enraizada na experiência vital dos operários e não a tome como ponto de partida. Se isto já vale para a área das ciências naturais, ainda com

¹ A primeira parte do artigo foi publicada no número anterior da Revista.

² Doutor em Filosofia. Prof. Adjunto do Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Email para contato: lucostasantos1@gmail.com

mais razão, para Simone, deve-se apostar no protagonismo pedagógico do trabalhador na área das Letras, já que estas sempre giram em torno do ser humano e é o povo quem tem “a experiência mais real e direta da condição humana.” (Weil, 2001 a, 67) Íntima conhecedora da sensibilidade popular e, desde criança, leitora contumaz dos clássicos da literatura universal, com destaque para os gregos e, entre estes, o seu amado Homero, Simone tem lastro ao afirmar que, “salvo exceções, as obras de segunda categoria e abaixo convém melhor à elite; e as obras de primeira categoria convém melhor ao povo.” (Weil, 2001 a, 67) E justifica:

Por exemplo, que intensidade de compreensão poderia nascer de um contato entre o povo e a poesia grega, que tem por objeto quase único a desgraça! Somente seria preciso saber traduzi-la e apresentá-la. Por exemplo, um operário que tem a angústia do desemprego metida até à medula dos ossos, compreenderia o estado de Filocteto quando se lhe tira o arco, e o desespero com que olha suas mãos impotentes. Compreenderia também que Electra tem fome, o que um burguês, exceto no período presente, é absolutamente incapaz de compreender – incluindo os editores da edição Budé. (Weil, 2001 a, 67)

Em 1936, quando trabalhava na Renault, Simone Weil encaminha ao diretor da fábrica um projeto há muito acalentado, de apresentar aos operários textos introdutórios sobre obras primas da poesia grega (que ela confessa “amar de paixão”), convencida de que “a grande poesia grega estaria cem vezes mais perto do povo, se ele a pudesse conhecer, do que a literatura francesa clássica e moderna.” (Weil, apud Bosi, E., 1996, 371). A ousadia do projeto é inestimável: ele não somente propõe iniciar o povo iletrado na literatura clássica universal, mas em obras da mais alta culminância, clássicas entre os clássicos, e supõe que essa *crème de la crème* literária encontra-se “cem vezes” mais próxima do coração do povo que a literatura divulgada na instrução moderna. O cúmulo da ousadia – da subversão pedagógica – de Simone é sua completa falta de condescendência para colocar-se ao alcance do operário, movida pela convicção de que o mais simples dos operários poderia penetrar no espírito da tragédia no mesmo nível do pessoal administrativo: “Acho, com um certo orgulho, que se preparar essas matérias e se elas forem lidas, os operários mais iletrados da Renault saberão mais sobre a literatura grega do que 99% dos bacharéis – e ainda mais!...” (Weil, apud Bosi, E., 1996, 371-372)

Se a elevada aposta de Simone Weil muito se devia ao profundo conhecimento que tinha do insuspeitado potencial de aprendizado dos operários, maturado no trabalho e na dor, tampouco se pode esquecer o condão de seus dons pedagógicos, conforme depõe o filósofo católico Gustave Thibon, que a hospedou em sua propriedade rural durante a IIa Guerra e pôde testemunhar as façanhas da professora/lavradora judia junto aos companheiros camponeses, a quem falava dos Upanishads e de temas afins em meio às fainas agrícolas:

Seus dons pedagógicos eram prodigiosos; se ela sobrestimava de bom grado as possibilidades de cultura de todos os homens, ela sabia se pôr ao nível de qualquer pessoa para ensinar o que quer que fosse... Ensinando a regra de três a um moleque atrasado da aldeia, ou me iniciando nos arcanos da filosofia platônica, ela se dava a si mesma e tentava obter de seu discípulo aquela qualidade de atenção extrema que, na sua doutrina, se identifica à prece. (Weil, apud Bosi, E., 1996, 61)

Simone Weil começa a sua apresentação dos clássicos aos operários pela tragédia Antígona, e previne o diretor da fábrica: “Antígona não tem nada de uma história moral para crianças boazinhas; espero, no entanto, que o Sr. não chegue ao ponto de achar que Sófocles era um subversivo...” (Weil, apud Bosi, E., 1996, 372)

Deixemos que a professora Simone nos apresente ao poeta grego e sejamos, por instantes, um de seus operários:

Cerca de dois mil e quinhentos anos atrás eram escritos na Grécia poemas muito belos. Hoje, eles não são mais lidos, a não ser pelos especialistas nesse estudo, o que é uma grande pena. Pois esses velhos poemas são de tal forma humanos que ainda estão muito próximos de nós e podem interessar a toda a gente. Seriam até muito mais comoventes para o comum dos homens, ou seja, para aqueles que sabem o que é lutar e sofrer, muito mais do que para os que passaram a vida entre as quatro paredes de uma biblioteca. Sófocles é um dos maiores dentre esses velhos poetas. Escreveu peças de teatro, dramas e comédias; só ficaram alguns de seus dramas. Em cada um deles a personagem principal é uma pessoa corajosa que luta sozinha contra uma situação intoleravelmente dolorosa; ela se curva sob o peso da injustiça; há momentos em que a coragem desfalece; mas ela resiste e não se deixa nunca degradar pela infelicidade. Assim, esses dramas,

embora dolorosos, nunca deixam uma impressão de tristeza. O que fica é antes uma impressão de serenidade. (Weil, apud Bosi, E., 1996, 373)

O tom do texto já fala por si. Simone dirige-se ao leitor de modo claro e direto, *vis a vis*, sem excessos de explicação que lhe subestimem o nível de entendimento. A discreta reverência que exala do texto prepara o leitor para a nobreza do que lhe será exposto, como se, pé ante pé, ele fosse sendo conduzido aos recessos onde mora o espírito humano. Eis a revolução pedagógica de Simone Weil: investir de inteira nobreza a pobreza do operário e mostrar que, de direito e de fato, ele é apto para habitar as mais altas mansões do espírito.

O fio narrativo de Antígona se desenrola no reino de Tebas. Após a morte do rei, dois de seus filhos duelam pelo trono, que fica com um deles após vencer e exilar o irmão. Com apoio estrangeiro, o exilado volta para reconquistar a cidade natal e, enfrentando o irmão vitorioso em campo de batalha, ambos morrem. Vago o trono, assume um tio dos contendores, o qual decide enterrar com todas as honras o corpo do sobrinho morto em defesa da cidade, enquanto ordena que se abandone às feras o cadáver do sobrinho invasor, maior humilhação passível de ser imposta a um cidadão grego. Não suportando o ultraje feito ao morto, e contra expressa proibição real, uma de suas irmãs – Antígona – decide enterrá-lo com honras fúnebres e, surpreendida em delito, é condenada pelo rei a ficar trancafiada numa caverna fechada até agonizar nas trevas, faminta e asfixiada. Assim, Antígona versa sobre a história de um ser humano que, “sozinho, sem nenhum apoio, se opõe ao seu próprio país, às leis de seu país, ao chefe do Estado, e que, como se espera, é condenado à morte.” (Weil, apud Bosi, E., 1996, 373-374) O nervo da narrativa reside nesse dilema extremo entre “a fidelidade à pátria vitoriosa e ao irmão vencido”, isto é, no final das contas, entre a vitória e a virtude, a vida e a verdade, a força e a justiça, o poder e o bem. Em suma, entre o Deus “fraco” e o reino deste mundo.

2. O poema da força

Ora, justamente em torno da força – e do enigma de sua soberania no reino deste mundo – gira a *Ilíada* de Homero, segundo texto clássico apresentado por Simone Weil ao público operário, em artigo sugestivamente intitulado “*Ilíada* ou o poema da força”,

publicado em 1940 na revista *Cahiers do Sud* de Marselha, órgão mais importante da imprensa livre francesa durante o governo de Vichy.

Como se sabe, a *Ilíada* versa sobre a guerra deflagrada entre gregos e troianos depois que Helena, a mais bela filha do reino de Micenas, mulher do nobre Menelau, é raptada pelo príncipe troiano Páris, o sedutor, ferindo de morte a honra do poderoso reino micênico.

Deixemos outra vez que Simone nos introduza ao coração do poema:

O verdadeiro herói, o verdadeiro assunto, o centro da *Ilíada*, é a força. A força que é manejada pelos homens, a força que submete os homens, a força diante da qual a carne dos homens se contrai. A alma humana aparece, no poema, continuamente modificada por suas relações com a força, arrastada, obcecada pela força que ela julga dominar, curvada sob a pressão da força que ela sofre. Os que tinham imaginado que a força, graças ao progresso, pertenceria doravante ao passado, puderam ver nesse poema um documento; os que sabem discernir a força, tanto hoje como outrora, no centro de toda a história humana, veem nele o mais belo, o mais puro dos espelhos. A força é aquilo que transforma quem quer que lhe seja submetido em uma coisa. Quando ela se exerce até o fim, transforma o homem em coisa, no sentido mais literal da palavra, porque o transforma em cadáver. Era uma vez alguém e, um instante depois, não há mais ninguém. É um quadro que a *Ilíada* não se cansa de nos apresentar. (Weil, apud Bosi, E., 1996, 379)

 51

Simone Weil revela na trama da *Ilíada* algo “miraculoso”: escapando da atração gravitacional à força que submete a imensa maioria dos espíritos, para os quais não há nada mais desejável que a vitória e mais temível que o fracasso, o coração da epopeia move-se em órbita inteiramente distinta: “A amargura cai sobre a única causa justa de amargura, a subordinação da alma humana à força, isto é, afinal de contas, à matéria. Ninguém, na *Ilíada*, lhe escapa, assim como ninguém neste mundo pode escapar-lhe.” (Weil, apud Bosi, E., 1996, 404) O milagre da *Ilíada* começa já no fato de implantar a justiça em sentimento tão primário como a tristeza, fazendo-a despertar em face dos que são subjugados à força; isto é, no fato de que se possa ser afetivamente movido (comovido) pela justiça, enfim, na inaudita possibilidade de que a justiça possa contar como uma *força* afetiva que age em sentido inverso às forças opressivas imperantes no

reino deste mundo. De outro lado, “tudo o que, no interior da alma e nas relações humanas, foge ao império da força, é amado, mas amado dolorosamente, por causa do perigo de destruição continuamente pendente.” (Weil, apud Bosi, E., 1996, 404) Numa trama repleta de confrontos entre grandes homens, em que o poder e a honra estão o tempo todo em jogo, o milagre da *Ilíada* consiste em antes lamentar os violentados do que louvar os vitoriosos, antes chorar os feridos pela força do que exaltar os que por ela alcançaram a glória, e antes admirar quem resiste à injustiça do que quem sempre vence os que lhe resistem.

Na superfície do texto, é certo, agitam-se sanhas e façanhas de heróis semelhantes a deuses, mas em sua camada mais profunda prevalece, para Simone, a muda perplexidade ante o jogo cego de forças a cujos “funestos efeitos” não escapam nem fracos nem fortes (Weil, apud Bosi, E., 1996, 404): “O verdadeiro tema da *Ilíada* é a ação da guerra sobre os guerreiros, e por seu intermédio, sobre todos os humanos; ninguém sabe por que alguém se sacrifica, e sacrifica a todos os seus, a uma guerra mortífera e sem objetivo.” (Weil, 2001 b, 90)

Em suma, o milagre da *Ilíada* está em sobrepor à gravidade da força a graça – ou “gravidade moral” –, movimento que vem do alto e, paradoxalmente, incita a aproximar-se do que se situa mais “baixo” na escala do reino deste mundo: “A graça é a lei do movimento descendente. Afundar-se é subir em relação à gravidade moral. A gravidade moral nos faz cair para o alto.” (Weil, 1986, 52)

É por via dessa sujeição da gravidade à graça que, segundo Simone Weil, a epopeia grega, passando pela tragédia, irá encontrar em cheio o espírito do Evangelho, com sua denúncia dos poderes deste mundo, seu sentimento da miséria humana e seu amor à justiça, como se ao cabo esses três momentos, epopeia, tragédia e Evangelho, perfizessem uma mesma tradição espiritual:

O Evangelho é a última e maravilhosa expressão do gênio grego, assim como a *Ilíada* é a primeira; o espírito da Grécia transparece nele não só no que aí se manda procurar – excluindo qualquer outro bem – “o reino da justiça de nosso Pai celeste”, mas também quando nele se expõe a miséria humana, sofrida por um ser divino ao mesmo tempo que humano. As narrativas da Paixão mostram que um espírito divino, unido à carne, é alterado pelo infortúnio, treme ante o sofrimento e a morte, se sente, no fundo da desgraça, separado dos homens e de

Deus. O sentimento da miséria humana lhes dá esse tom de simplicidade que é a marca do gênio grego, e que constitui todo o valor da tragédia ática e da *Ilíada*. Esse tom é inseparável do pensamento que inspira o Evangelho; pois o sentimento da miséria humana é inseparável da justiça e do amor. Quem ignora até que ponto a fortuna variável e a necessidade mantêm toda alma humana sob sua dependência, não pode olhar como semelhantes nem amar como a si mesmos aqueles que o acaso separou de si por um abismo. A diversidade das coações que pesam sobre os homens faz nascer a ilusão de que há entre eles espécies diversas que não se podem comunicar. Só é possível amar e ser justo quando se conhece o poder da força e quando se sabe não o respeitar. (Weil, apud Bosi, E., 1996, 404-405)

Aqui se articulam com singular contundência os principais elementos da tradição espiritual greco-cristã acima indicada, e do próprio núcleo do pensamento weiliano, a saber: força (poder), miséria (*malheur*) e justiça. Sem que o elo social entre força e miséria venha à inteira luz, não há como cumprir-se a obra de justiça. A justiça é o desmentido imposto ao poder em favor dos que são desfigurados por sua ação. E não é por nenhuma outra razão, senão pela marca de escravidão e de *malheur* por ele impressa na carne dos homens, que o poder tornou-se a questão central da vida de Simone, por exemplo, tal como a vemos admiravelmente desenvolvida nas “Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social”, tidas por ela mesma como o principal resumo de seu pensamento:

A busca do poder, até pelo fato de que é essencialmente impotente para apoderar-se de seu objeto, exclui qualquer consideração de fim, e, por uma inversão inevitável, chega a ocupar o lugar de todos os fins. É essa inversão da relação entre o meio e o fim, é essa loucura fundamental que dá conta de tudo aquilo que há de insensato e de sangrento ao longo de toda a história. A história humana é a história da escravização que faz dos homens, tanto opressores quanto oprimidos, simples joguetes dos instrumentos de dominação que eles próprios fabricaram, e sujeita assim a humanidade viva a ser a coisa das coisas inertes. (Weil, 2001 b, 91)

Simone Weil não examina o poder em abstrato – busca-o na “carne de trabalho” do operário, na qual apenas ele revela o seu real teor. Tampouco se engaja na militância política para apenas medir forças com os poderes instituídos, como se fosse possível

alterar a natureza do poder apropriando-se dele. Nesse sentido, e sem jamais abandonar as hostes à esquerda do espectro político, ousa inclusive questionar o conceito de revolução: “De uma maneira geral, essa inversão repentina da relação de forças, que é o que se entende normalmente por revolução, é inconcebível, pois seria uma vitória da fraqueza sobre a força, o equivalente a uma balança cujo prato menos pesado se abaixasse.” (Weil, 2001 b, 101) Dir-se-ia que, permanecendo restrita ao nível do embate de forças, a revolução promoveria quando muito um improvável rearranjo dos personagens do enredo, quando se trataria precisamente de mudar o sentido deste: “A Revolução Russa pareceu fazer surgir uma coisa inteiramente nova; mas a verdade é que as forças reais, isto é, a grande indústria, a polícia, o exército, a burocracia, chegaram graças a ela a um poder desconhecido nos outros países.” (Weil, 2001 b, 100-101) Por isso mesmo, sempre com os oprimidos e por causa de seu *malheur*, Simone decide inscrever-se como anônimo personagem na epopeia das fábricas também pela esperança de, melhor conhecendo as engrenagens mortíferas que nelas atuam, contribuir para ao menos vislumbrar a possibilidade de reescrever a tragédia contemporânea que, de distintos modos, ameaça oprimidos e opressores. Aos operários, entrega sua solidariedade; à opressão social, responde com a busca metódica, científica, de sua superação: “A única possibilidade de salvação consistiria numa cooperação metódica de todos, poderosos e fracos, em vista de uma descentralização progressiva da vida social. Fora de tal cooperação, é impossível interromper a tendência cega da máquina social em direção a uma centralização crescente, até que a máquina trave brutalmente e voe em pedaços.” (Weil, 2001 b, 148) Nessa busca rigorosa das causas da opressão e da liberdade, Simone se alinha – agora, sim – com a mais pura sensibilidade moderna, para a qual as transformações do mundo passam necessariamente pelas decisões e ações do sujeito: “O que sabemos de antemão é que a vida será tão menos desumana quanto maior for a capacidade individual de pensar e de agir.” (Weil, 2001 b, 150)

Não obstante as limitações escolares dos operários semiletrados, Simone Weil mostra que, do ponto de vista hermenêutico, eles são os mais legítimos leitores da poesia clássica grega, por serem os principais personagens afetados pela tragédia contemporânea que se desenrola ante seus olhos, da qual os textos clássicos constituem em certa medida uma premonitória antecipação.

3. A educação do campo

Em 1941, durante a ocupação alemã na França, Simone Weil conhece em Marselha o sacerdote dominicano Pe. R. P. Perrin, homem de fé esclarecida e elevada estatura humana, que providenciava documentação e abrigo para refugiados de guerra, de quem se aproxima com filial confiança. Impedida, pelas leis nazistas do governo de Vichy, de exercer o magistério por ser judia, Simone afinal vê chegada a oportunidade de tentar realizar o desejo, guardado há anos, de trabalhar no campo como lavradora. Tendo confidenciado o plano ao Pe. Perrin, este a encaminha ao amigo Gustave Thibon, escritor católico que cultivava uma propriedade rural nos arredores do departamento de Ardèche, no sul da França.

Gustavo Thibon acolhe de muito bom grado a insólita empregada recomendada pelo Pe. Perrin, e oferece-lhe um quarto na sede da fazenda. Julgando a hospedagem confortável demais e depois de vencer a amável insistência do anfitrião, Simone prefere se instalar num casebre de chão batido, em ruínas, às margens do rio, de onde busca água na fonte e lenha no mato, vivendo sob a luz do sol e das estrelas. Alimenta-se à base de frutos silvestres e adapta para a vida campestre o rigoroso racionamento de guerra imposto às populações urbanas. Para exasperação do gentil patrão, não era fácil sequer fazê-la aceitar um ovo que lhe agregasse suporte nutricional para a longa jornada de trabalho do nascer ao pôr do sol. Mas a renúncia não era arbitrária nem se devia a razões de ordem dietética. O que voluntariamente privava para si, a filósofa camponesa oferecia em sacrifício aos que foram forçosamente privados de quase tudo pela Guerra: “As fadigas do meu corpo e de minha alma se transformam em nutrição para um povo que tem fome.” (Weil, apud Bosi, E., 1996, 62)

Após encerrar o ciclo na fazenda de Gustavo Thibon, Simone migra para as vindimas em região vizinha. A rotina é pesada – colher uvas, cuidar do gado, descascar legumes, lavar a louça – e os tamancos de madeira usados na lavoura deixam-lhe marcas de sangue nos pés. O patrão admira sua dedicação e as trabalhadoras sentem-se ligadas por inefável laço de confiança a essa estranha companheira que lhes transmite sem nenhuma cerimônia preciosos ensinamentos da cultura universal. Sobre a proibição imposta aos judeus de exercerem o magistério e a restrição de trabalharem exclusivamente em atividades da produção – de preferência, na terra –, Simone assim se pronuncia em carta ao comissário para a questão dos judeus:

O governo fez saber que desejava que os judeus entrassem na produção e de preferência fossem para a terra... Sou nesse momento vindimadora... Meu patrão

me deu a honra de me dizer que mereço o meu lugar. Ele me fez mesmo o maior elogio que um agricultor possa fazer a uma mocinha vinda da cidade quando me disse que eu poderia desposar um lavrador. Ele ignora, certamente, que carrego, pelo simples fato de meu sobrenome, uma tara de origem que seria desumano de minha parte transmitir a filhos... Considero o estatuto dos judeus, de um modo geral, injusto e absurdo, pois como alguém pode acreditar que um professor de matemática possa fazer mal às crianças que aprendem geometria, pelo simples fato de que três de seus avós iam à Sinagoga? Mas, em meu caso particular, tenho que vos expressar o reconhecimento sincero que sinto pelo governo por me tirar da categoria social dos intelectuais e por me ter dado a terra, e com ela toda a natureza. (Weil, apud Bosi, E., 1996, 63-64)

Premidos pela crise da guerra, os proprietários rurais têm dificuldade em manter trabalhadores vindos de outras regiões e, com o fim das vindimas, Simone é demitida do emprego.

À semelhança do que ocorrera com a experiência operária, o trabalho no campo deu a Simone Weil a necessária bagagem para conceber uma proposta de formação educacional afinada com as características e desafios da condição camponesa, valendo para esta o mesmo princípio pedagógico de tradução anteriormente aplicado para a instrução dos operários. Para Simone, é preciso que a cultura moderna venha a fazer sentido para a sensibilidade dos camponeses, tanto quanto é preciso que o faça para a dos operários.

No que se refere à cultura do espírito, Simone Weil parte da constatação de que “os camponeses foram brutalmente desenraizados pelo mundo moderno” (Weil, 2001 a, 81), ao passo que “tinham antigamente tudo aquilo de que um ser humano precisa como arte e como pensamento, sob uma forma que lhes era própria e da melhor qualidade.” (Weil, 2001 a, 81-82) Ou seja, os camponeses antigos permaneciam enraizados em sua cultura e melhor capacitados do ponto de vista da formação humana. Eram mais tradicionais e mais civilizados. A partir de relatos históricos, Simone conclui que os mais infelizes dentre os camponeses antigos tinham “um destino infinitamente preferível ao dos camponeses mais felizes” de seu tempo. (Weil, 2001 a, 82) No entanto, para Simone esse passado idílico não tem retorno e só resta construir o futuro: “É preciso inventar métodos para impedir que os camponeses permaneçam estrangeiros à cultura de espírito que lhes é oferecida.” (Weil, 2001 a, 82)

Se a tradução da ciência moderna para os operários deveria ser dominada pela mecânica, cujos conceitos de tempo, espaço, movimento, velocidade, massa, peso, força etc. incidem sobre o âmbito de fenômenos em jogo na produção industrial, para Simone Weil outro deve ser o eixo do ensino da ciência para uma sensibilidade enraizada na atividade agrícola:

Para os camponeses, tudo deveria ter por centro o maravilhoso circuito pelo qual a energia solar, tendo descido até às plantas, fixada pela clorofila, concentrada nas sementes e nos frutos, entra no homem que come ou bebe, passa para seus músculos e se gasta para trabalhar a terra. Tudo o que se relaciona com a ciência pode ser disposto em torno desse circuito, pois a noção de energia está no centro de tudo. O pensamento desse circuito, se penetrasse no espírito dos camponeses, envolveria de poesia o trabalho. (Weil, 2001 a, 82)

Da indústria para o campo, a ciência desloca-se do âmbito artificial para o natural; da energia a motor para a energia solar; do paradigma mecânico para o orgânico; do conceito de causa para o de raiz ou fonte; do ato de produção para o de geração. Do ponto de vista pedagógico, portanto, trata-se de trazer o camponês para uma perspectiva afeita a sua intencionalidade e que lhe permita melhor atentar para a beleza dos fenômenos naturais, a qual em grande medida lhe permanece opaca em razão da dureza entorpecedora de seu trabalho.

Simone verifica nos meios cultos de seu tempo um movimento de estudos folclóricos que contribuía para devolver aos camponeses o sentimento de terem uma morada no reino do pensamento humano. No entanto, o limite do folclore é fixar a cultura popular em domínio restrito, marginal e exótico, insuficiente para reverter a mentalidade colonialista dominante, segundo a qual a criação mais expressiva do pensamento humano seria propriedade exclusiva das cidades, ficando reservada aos camponeses a parcela pitoresca, “regional”, da cultura. Esse viés folclórico acaba inculcando nos próprios camponeses uma consideração autodepreciativa de sua cultura de origem: “E como acontece que um indígena das colônias, untado com um pouco de instrução europeia, despreze seu povo mais do que faria um europeu culto, acontece frequentemente o mesmo ao professor primário, filho de camponeses.” (Weil, 2001 a, 83)

Para Simone Weil, duas condições seriam necessárias para promover um novo enraizamento cultural do campesinato. A primeira é que a formação do professor primário do campo seja “inteiramente” distinta daquela do professor primário urbano. Aqui, o genitivo faz toda a diferença: não basta que o professor atue no campo; é preciso que, de um modo ou de outro, ele se torne *do* campo. Adaptando ao caso uma expressão do filósofo argentino Juan Carlos Scannone, dir-se-ia que, se o professor não for originário do campo ou afinado com a sua cultura, precisa ao menos passar por um “batismo cultural” que faça sua sensibilidade renascer a partir da imersão nos modos de sentir, pensar e agir do povo camponês.

A segunda condição do novo enraizamento camponês – em estreita ligação com a anterior – é que os professores conheçam e prezem os camponeses. Seguem-se recomendações pontuais de Simone, algumas das quais ela certamente pusera em prática em suas aulas ao ar livre para as companheiras de lida na lavoura:

Seria preciso dar bastante lugar, no ensino que é fornecido aos camponeses, à cultura popular de todos os países, apresentada não como um objeto de curiosidade, mas como grande coisa; falar-lhes do lugar que os pastores tiveram nas primeiras especulações do pensamento humano, especulações sobre os astros, e também especulações sobre o bem e o mal; fazê-los ler a literatura camponesa, Hesíodo, *Pier the Ploughman*, as queixas da Idade Média, as poucas obras contemporâneas que são autenticamente camponesas; tudo isso, evidentemente, sem prejuízo da cultura geral. (Weil, 2001 a, 83)

Simone Weil estende essa necessidade de formação específica ao plano religioso, cobrando que os sacerdotes atuantes no campo sejam preparados para exercer o ministério em estreita relação com a vida de seu povo. Tendo em vista a funda marca impressa pelo catolicismo nas populações rurais da França, Simone considera um “escândalo” que a prática religiosa institucional tenha se distanciado tanto do cotidiano dos camponeses e quão pouco era aproveitado na liturgia o rico imaginário campestre dos Evangelhos, ainda mais “quando se pensa em com quanta predileção Cristo tirou os temas de suas parábolas da vida dos campos.” (Weil, 2001 a, 84):

Assim como as estrelas e o sol dos quais fala o professor moram nos cadernos e livros e não têm nenhuma relação com o céu, assim também a vinha, o trigo, as ovelhas aos quais se faz menção domingo na igreja nada têm em comum com a

vinha, o trigo, as ovelhas que se encontram nos campos e aos quais se dá todos os dias um pouco de sua vida. Os camponeses cristãos estão desenraizados também em sua vida religiosa. (Weil, 2001 a, 84)

Em suma, tratava-se de contribuir para que as pessoas do campo se apropriassem da tradição espiritual a partir de seu lugar e jeito de ser, isto é, que encontrassem a face camponesa do Cristo e, com ela, a dimensão eterna de sua própria humanidade:

Como os jovens membros da Juventude Operária Cristã se exaltam ao pensarem no Cristo operário, os camponeses deveriam extrair o mesmo orgulho da parte que os Evangelhos consagram à vida dos campos e da função sagrada do pão e do vinho, e tirar daí o sentimento de que o cristianismo é uma coisa que lhes pertence. (Weil, 2001 a, 84)

Peregrinando de corpo e alma junto a operários, mineiros e camponeses, Simone Weil oferece ao mundo contemporâneo uma das mais consistentes contribuições reflexivas em favor da superação da opressão social imposta aos trabalhadores da produção. Na contramão da histórica divisão social do trabalho que promove a degradação do labor manual, Simone mostra que uma civilização não atinge o estatuto humano se aqueles que contribuem com as suas mãos para edificá-la não levam, de direito e de fato, uma vida humana. Na perspectiva dessa transgressão civilizatória, tratava-se de assegurar aos trabalhadores da produção os “alimentos” para a satisfação de suas necessidades humanas básicas, mas também sua plena inserção na vida do espírito, seja pela apropriação da cultura “clássica” e universal que lhes é sonogada, seja pela afirmação da cultura – única e inestimável – enraizada em sua experiência vital.

Em suma, a perspicácia subversiva do pensamento de Simone Weil está em mostrar que a opressão social não somente usurpa a dignidade de operários e camponeses, como empobrece a própria civilização, ao privá-la de uma espiritualidade que só pode nascer do corpo e da alma dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOSI, Ecléa (Org.). A Condição Operária e Outros Estudos sobre a Opressão. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996, 2ª Ed.

MARTINS, Alexandre Andrade. A Pobreza e a Graça – e Experiência de Deus em Meio ao Sofrimento em Simone Weil. São Paulo: Ed. Paulus, 2013.

WEIL, Simone. O Enraizamento. São Paulo: EDUSC, 2001 a.

_____. Opressão e Liberdade. São Paulo: EDUSC, 2001 b.

_____. A Gravidade e a Graça. São Paulo: ECE Editora, 1986, 2ª Ed.

_____. La Source Grecque. Paris: Ed. Gallimard, 1953, 8ª Ed.